

AGROECOLOGIA: UM CONTRAPONTO À PRODUTIVIDADE INSUSTENTÁVEL DA AGRICULTURA CONVENCIONAL

Jefferson Marçal da Rocha¹; Renildes Fortunato Siman².

Palavras-Chave: Agroecologia, produtividade, agricultura familiar

As estratégias de desenvolvimento aplicadas na agricultura dos países em desenvolvimento foram de certa forma limitadas, pois não promoveram um desenvolvimento equânime e sustentável. Por um lado, não diminuiu a fome da população mais pobre, nem melhorou as condições sociais precárias dos pequenos agricultores familiares; por outro, não se preocuparam com a preservação e/ou conservação do meio ambiente. O “pacote” tecnológico da denominada Revolução Verde foi, na maioria das vezes, inadequado às condições agroecológicas e socioeconômicas específicas de cada região, especialmente naquelas com formação histórica ligada a práticas agroecológicas de pequenos agricultores familiares.

Nas últimas décadas a tendência imposta pela lógica capitalista em relação a agricultura familiar, foi contrária a qualquer tipo de atividade agrícola alternativa. Os agricultores familiares foram definitivamente incorporados ao sistema de subordinação à agroindústria e/ou aos monopólios comerciais na direção de uma especialização produtiva sem margens para iniciativas pluricultoras, pluriativas, agroecológicas, etc. Como agravante ainda, a lógica hegemônica neoliberal forçou o Estado a abandonar as políticas de financiamento às alternativas produtivas que não visassem a obtenção de lucros imediatos, optando por incentivar culturas e práticas agrícolas que pudessem competir no mercado internacional. Tendo como parâmetro a prática agrícola dos países ricos, os quais contam com alta tecnologia e subsídios significativos. Com isso os créditos agrícolas nos países subdesenvolvidos, na sua maioria, destinaram-se a grandes latifundiários ligados à produção de *commodities*.

¹ Professor da Universidade de Caxias do Sul- Departamento de Economia. Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná; Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 Bloco J sala 409. Caxias do Sul-RS. Email: jmrocha@ucs.br

² Professora do Departamento de Economia da Universidade de Caxias do Sul. Mestre em Economia Rural pela Universidade Federal de Viçosa. Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 Bloco J sala 416. Caxias do Sul-RS. Email: rfsiman@ucs.br

Assim chega-se ao século XXI com a necessidade imprescindível de criação de estratégias que compatibilizem a viabilidade econômica e a equidade social, com a autonomia política e a prudência ecológica, vistas aqui como um único projeto de desenvolvimento rural sustentável. A agricultura familiar torna-se importante neste contexto, pois apesar dos diversos contratempos econômicos enfrentados pelo agricultor familiar nos últimos anos, é da excepcional capacidade de adaptação que vêm sua “habilidade” de resistir ao “jogo” dialético do sistema capitalista (Brandenburg e Ferreira,2004).

Para Altieri (2000): “A crise agrícola-ecológica existente hoje, na maior parte do Terceiro Mundo, resulta do fracasso do paradigma dominante de desenvolvimento” (Altieri,2000,p.15). Com isso a expansão e o sucesso da agroecologia, reside justamente na reconhecida inadaptabilidade que os agricultores familiares tiveram para incorporarem estratégias produtivas com técnicas convencionais (insumos e maquinaria).

A agroecologia passa a ser uma das poucas estratégias coerente com os princípios tanto culturais, políticos e econômicos oriundos da própria formação histórica de cada região. Especialmente entre agricultores familiares dos países mais pobres. Além da preservação e ampliação dos agrossistemas, princípio básico “[...] para produzir auto-regulação e sustentabilidade” (Altieri,2000,p.19). A agroecologia promove ainda o conhecimento e a experiência que os agricultores de cada região possuem sobre as peculiaridades ambientais do lugar onde vivem.

Uma das críticas mais usuais contra os “agroecologistas”- defensores de práticas agroecológicas- é a inviabilidade econômica da produção ecológica, devido a seus altos custos com o controle de pragas, por exemplo. Estas críticas encontram respaldo tanto entre pesquisadores como, principalmente, na opinião pública, devido a total desconsideração que ainda se tem com o *capital natural* de cada lugar (ecossistemas).

Contraopondo a esta visão Altieri coloca, que:

As práticas de produção conservadoras de recursos podem concorrer econômica e financeiramente com as convencionais. Quando é apresentado um quadro mais nítido da produtividade agrícola, incluindo os custos e benefícios dos recursos, as práticas que conservam ou aumentam os bens naturais *são economicamente tão boas ou melhores que as práticas dominantes.*(Altieri,2000, p. 93) (grifo nosso).

Na análise econômica ortodoxa, os bens naturais são vistos como fatores de produção disponíveis na natureza, e podem ser usados livremente sem a preocupação com as perdas ambientais que as práticas produtivas convencionais provocam.

Considerando que a sustentabilidade agrícola que se busca pode ser definida, de um modo geral, como a forma de atividade econômica capaz de suprir as necessidades presentes, sem restringir as opções para o futuro. Significando que o consumo futuro não pode ser comprometido pela satisfação do consumo presente, será só através da compreensão profunda dos ecossistemas rurais, que envolvem os sistemas agrícolas de cada região, que se chegará a medidas coerentes com uma agricultura realmente sustentável.

A aplicação dos princípios da agroecologia busca desenvolver estilos de agricultura que: atenda aos requisitos sociais, considere os aspectos culturais, preserve os recursos ambientais, apoie a participação política dos envolvidos, especialmente dos pequenos agricultores familiares; permitindo a obtenção de resultados socio-econômicos favoráveis ao conjunto da sociedade. Numa perspectiva temporal de longo prazo inclui tanto a presente como as futuras gerações (Caporal e Costabeber, 2004, p.49).

Portanto a agroecologia apresenta-se como uma nova e dinâmica ciência, fornecendo princípios ecológicos básicos para o tratamento de ecossistemas, tanto no que se refere à produtividade agrícola com inclusão social e promoção da cidadania, quanto à preservação dos recursos naturais.

Bibliografia:

ALTIERI, M. *Agroecologia- A dinâmica produtiva da agricultura sustentável*. 2 ed., Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

BRANDNBURG, A e FERREIRA, A . Agricultura e Políticas socioambientais rurais. In: RUSCHEISKY, A .(org.) ***Sustentabilidade uma paixão em movimento***. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 62-78.

BRUMER, A. . Qual a “vocação” produtiva da agricultura familiar? Globalização, produção familiar e trabalho na agricultura gaúcha. IN: Tedesco, J.C (org.) ***Agricultura Familiar realidades e perspectivas***, p.219-249, Passo Fundo-RS: Ediupf, 1999.

CAPORAL, F.R e COSTABEBER, J. A . Agroecologia: aproximando conceitos com a noção de sustentabilidade. In: RUSCHEISKY, A .(org.) ***Sustentabilidade uma paixão em movimento***. Porto Alegre: Sulina, 2004, p. 46-61.

CHAYANOV, A . A . ***La organización de la unidad económica campesina***. Buenos aires: Nueva Visión, 1974 (primeiramente publicado em Moscou , em 1925)

FRIEDMANH, H. Family enterprises in agriculture: structural limits and political possibilities. IN: COX, G., LOWE, O. E WINTER,M. ***Agriculture, People and Politics***. London: Allen and Unwin,1986.

ROCHA, Jefferson Marçal da Rocha. ***A Sustentabilidade Desfocada: A Lógica das Políticas de desenvolvimento rural para Áreas de Proteção Ambiental-APAs- O Caso de Guaraqueçaba-PR***. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento-Doutorado da UFPR. Curitiba, 2004

ROCHA, Jefferson M. e BRANDENBURG, Alfio. ***Limites e Desafios da Agricultura Familiar: A Sustentabilidade em Questão***. In: REDES, v. 8 ,n . 2 , p. 93-104. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003